

ENTRE O SOCIAL E O LITERÁRIO: A METRÓPOLE E SEU SUBÚRBIO DEGRADADO NAS NARRATIVAS FONSEQUIANAS

Data de aceite: 01/03/2024

**Larissa Camargo Castro Alves
Muranaka**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras do IBILCE/UNESP.

RESUMO: Entre os espaços dos privilegiados que vivem na parte rica da metrópole e aqueles ocupados pela minoria, ou seja, o subúrbio degradado, temos um contraponto que elencamos como o tema do presente estudo. O *corpus*, por sua vez, é composto pelos contos de *Feliz ano novo*, do escritor brasileiro contemporâneo Rubem Fonseca. Logo, objetivamos compreender como a representação desse contraste social se desenvolve no grupo de narrativas que constitui o *corpus*. Para atingir nosso objetivo, utilizamos, como baliza teórica, textos de Holanda, Williams, Mumford, Martins, Candido, Lacerda, Abreu e Sevchenko.

PALAVRAS-CHAVE: Rubem Fonseca; conto; metrópole; subúrbio.

INTRODUÇÃO

As noções de metrópole, subúrbio e degradação formam o campo semântico do tema que elencamos como norteador de nossa proposta investigativa do *corpus* selecionado. Nesse sentido, é importante ressaltar que, do referido campo semântico, o contraponto entre os conceitos de privilégio e margem relativos à ocupação do espaço citadino é o aspecto que protagoniza o tema de nosso estudo.

Por sua vez, nosso *corpus* é constituído pelos contos de Rubem Fonseca presentes em *Feliz ano novo*, coletânea primeiramente publicada em 1975, censurada pelo contexto ditatorial brasileiro e reeditada em 1989, quatro anos após o término da Ditadura brasileira. A referida publicação é de autoria de Rubem Fonseca, escritor brasileiro contemporâneo.

Objetivamos, nesse sentido, a apreensão, compreensão e discussão do tema elencado (contrapontos nos espaços citadinos) na produção literária referida de

Rubem Fonseca, ou seja, a coletânea de contos *Feliz ano novo*. Para alcançar nosso objetivo nesse estudo, elencamos, como aparato teórico, *Raízes do Brasil* (1995), de Sergio Buarque de Holanda; *O campo e a cidade na história e na literatura* (1989), de Raymond Williams; *A cidade na História: Suas origens, transformações e perspectivas* (1998), de Lewis Mumford; *A aparição do demônio na fábrica: Origens sociais do eu dividido no subúrbio operário* (2008), de José de Souza Martins; *Formação da Literatura Brasileira* (2000), de Antonio Candido; “De princesinha a cadela desdentada” (2001), de Rodrigo Lacerda; *A evolução urbana do Rio de Janeiro* (1987), de Maurício de Almeida Abreu e *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República* (1983), de Nicolau Sevcenko.

A CIDADE

O crescimento das cidades, em termos de espaço, reconhecimento e complexidade, influenciou sobremaneira a criação literária, relevando a importância do tema cidade e do espaço urbano, tornando-os uma constante no âmbito das artes e da literatura ocidental. O desenvolvimento do interesse literário, por sua vez, decorre, dentre outros fatores, da difusão do capitalismo, que contribuiu significativamente para a criação das metrópoles modernas. Apareceu, então, a partir do século XIX, com maior visibilidade, o que se convencionou nomear “estética urbana”, uma visão artística e, não poucas vezes, crítica dos complexos fenômenos sociais, culturais e econômico das grandes cidades. Um dos reconhecidos esforços literários da Europa desde essa época foi justamente no sentido de captar e registrar o cenário das metrópoles, contribuindo para a compreensão das vertiginosas transformações pelas quais passavam os grandes centros urbanos do continente.

Inúmeros escritores se debruçaram diante do tema supracitado. Entre os nomes de maior expressão cita-se Charles Baudelaire, ao mencionar as contradições do processo de urbanização de Paris do Segundo Império, Edgar Allan Poe, ao revelar uma espécie de loucura que acometeu o homem perdido na multidão opressora da cidade moderna e Franz Kafka com seus retratos da inquietude da vida em Praga.

Na literatura brasileira, o desejo de captar e registrar o cenário urbano também não passou despercebido. No século XIX, personalidades como Aluísio Azevedo, José de Alencar, Machado de Assis, dentre outros, se preocuparam com temas envolvendo a cidade e seus habitantes. No século XX, escritores como Mario de Andrade, Jorge Amado e Clarice Lispector, revelam, em muitas de suas obras, suas relações íntimas e complexas com as cidades que habitavam.

É necessário ter em mente que um centro urbano pode ser definido, a priori, como um ambiente físico carregado de elementos físicos, como observa-se nas diversas formas de edificação, além de elementos móveis, como os homens que as habitam. Olhares mais

atentos e minuciosos, entretanto, conseguirão notar as diversas peculiaridades que se podem atribuir a cada cidade em particular, diferenciando-a das demais. Função, tamanho, tipos de solo, clima, e tipos de habitantes são algumas das particularidades que fazem com que cada urbe seja única.

As grandes cidades, especialmente as metrópoles ocidentais, fazem parte de um fenômeno que se acentuou a partir do século XIX, com o avanço da Revolução Industrial, o êxodo rural e o incremento do comércio. Entretanto, nos períodos históricos anteriores, com algumas exceções, nem chegavam perto da dimensão e complexidade e tamanho das metrópoles modernas. Para melhor compreensão acerca dessa espécie de mutação do espaço urbano, convém analisar como surgiram as primeiras aglomerações urbanas, bem como suas características principais.

De forma geral, estima-se que a origem destes aglomerados de indivíduos, submetidos a uma organização socioeconômica, política e espacial diferente da rural, possa ser recuada até o início da história das comunidades humanas, quando o homem se torna definitivamente sedentário e passa, então, a viver em organismos urbanos cada vez maiores e mais complexos.

Pode-se afirmar que a formação das cidades constitui uma forma artificial e *sui generis* de vida, adotada pela vontade do homem, o qual abdicou da vida rural, mais “livre” e isolada, pela convivência forçada e antinatural nos centros urbanos. A respeito do tema, salienta Holanda (1995, p. 95), que, realmente “a habitação em cidades é essencialmente antinatural, associando-se a manifestações do espírito e da vontade, na medida em que se opõem à natureza”.

Diante do crescimento da importância das cidades, aumentou também um já existente processo dicotômico entre campo e cidade que se estende até os dias atuais. Antes, todos, ou quase todos, os processos humanos ocorriam no campo, que não era apenas constituído como local onde os indivíduos nasciam e viviam durante toda a sua existência, mas também o local em que desenvolviam atividades como pastoreio de animais, agricultura de subsistência, caça e pesca, além de artesanatos de pequena monta e comércio de escambos (trocas).

As cidades, aos poucos, assumiram a concentração e o desenvolvimento de algumas dessas atividades, como o artesanato, já em escala maior, e o comércio de porte. O morador do campo necessitava buscar na zona urbana os produtos que não plantava. O caçador passou a praticar negociações no meio urbano algumas de suas matérias primas como peles e carnes dos animais abatidos. Este processo de transferência de atividades não aconteceu repentinamente e nem de forma igual em todas as cidades, tendo em vista que estas tinham, por vezes, funções muito diferentes. Algumas surgiram como postos comerciais para caravanas, portos ou bases militares. Mais tarde, se tornariam centros religiosos e/ou comerciais, polos industriais e capitais de Estado, sendo que, no caso específico da “pólis” gregas, estas era o próprio Estado.

Uma série de concentrações humanas floresce entre o campo e a cidade propriamente dita: subúrbio, cidade-dormitório, bairro periférico ou arrabalde. Essa gradação de concentrações humanas produziu associações emocionais, muitas vezes preconceituosas, com relação aos termos campo e cidade. Nas palavras de Williams (1989, p. 11):

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade clássica.

Historicamente, com o advento da Revolução Industrial, que se iniciou na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII, modificou-se todo o processo de produção agrícola, provocando um êxodo rural sem precedentes na história. Estas modificações não afetaram apenas a cidade e o campo, mas a própria estrutura de trabalho, pois se baseavam em um capitalismo agrário robusto e desenvolvido, o que conseqüentemente, contribuiu para o campesinato tradicional.

Diante disso, muitos camponeses, privados de suas terras a deslocaram-se para as cidades industriais em busca de trabalho. A partir de então, foi observado o aumento do índice populacional, fruto da mecanização e de novos processos de produção.

As primeiras cidades brasileiras, contudo, surgiram em decorrência do domínio colonial lusitano, que visava controlar a produção agrícola e mineral da colônia. Convém salientar que, mesmo durante este período colonial, já era possível encontrar no Brasil cidades de grande porte. Porém, somente no final do século XIX e início do século XX, para se falar em processo de urbanização no Brasil, mais especificamente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

Com o reflexo do aumento das cidades, ocorreu um concomitante crescimento dos subúrbios, que surgiram diante das transformações das quais passaram os grandes centros. O fato é que desde o surgimento dos agrupamentos urbanos, já existiam locais cuja distância em relação ao centro desse agrupamento permitia denominá-los subúrbios. Segundo Mumford (1998, p. 522), “o fato é que o subúrbio se torna visível quase tão cedo quanto a própria cidade”.

Os subúrbios, desde o século XVIII, já eram procurados por uma parte significativa das aristocracias europeias, que ali construía mansões e extensas propriedades que lhes permitissem usufruir das comodidades próprias do meio rural, como o ar puro, a ausência de ruídos desagradáveis, alimentação saudável e água potável.

Já no século XX, a tendência democrática do oferecimento de oportunidades igualitárias aos habitantes do perímetro urbano fez com que se revelasse, em toda a sua extensão, o resultado do processo de separação entre subúrbio e centro urbano. O subúrbio se tornou o refúgio contra a realidade maléfica da cidade grande, se tornando uma

imitação caricata do centro urbano, pois ali surgia um novo tipo de comunidade, habitada por pessoas da mesma classe social, com moradias padronizadas, acrescentando a esse modelo, uma deterioração cada vez maior na estrutura desse espaço.

No Rio de Janeiro, espaço eleito por Fonseca para a ambientação de seus contos, ambientam-se diversas ocorrências que alteram o panorama da distribuição da população pelo espaço urbano. Com o fim da escravidão, sobrevieram as crises cafeeira e bancária. Com isso, não somente os gastos com alimentação e transporte dispararam, como se agravou ainda mais o problema da miserabilidade e falta de moradia.

Diante da elevação de preços de mercadorias, as classes socioeconomicamente desfavorecidas, não tiveram outra saída a não ser a de deixar o centro da cidade e as regiões imediatamente próximas para dirigirem-se aos subúrbios distantes, e ainda habitarem morros e periferias em busca de locais para estabelecer residência. O processo de reestruturação empreendido pelo governo da época tornou o centro da cidade atrativo aos olhos da burguesia e parte dessa classe deixou então os subúrbios para fixarem-se no centro e nos bairros nobres. A partir de então, o significado do termo subúrbio alterou-se. Se antes eram vistos como locais privilegiados para se estabelecer moradia, no século XX, assumiram a condição de bairros distantes, onde residia a maior parte da população marginalizada, ligadas ao centro pelas linhas férreas.

O processo de urbanização do Rio de Janeiro daria significado a dicotomia campo e/ou subúrbio x cidade, apresentando sérias consequências para as populações destes espaços citadinos. Martins (2008, p. 50) caracteriza a periferia como “a negação das promessas transformadoras e emancipadoras, civilizadoras e até revolucionárias do urbano, do modo de vida urbano e da urbanização”. Em termos de espaço, este sociólogo faz uma distinção entre subúrbio de periferia, ao considerar que, quando falamos de subúrbio, os lotes de terreno são maiores, o que permite que as residências ali edificadas, possuam quintais, jardins, hortas, dentre outros, enquanto a periferia por sua vez, possui lotes e casas pequenas, com muita sujeira, edificadas em ruas estreitas, sem praças ou jardins. A periferia constitui-se de edificações inacabadas, precárias, vítimas de infraestrutura.

A DEGRADAÇÃO DO SUBÚRBIO NA CIDADE MARAVILHOSA

Os problemas com transporte, moradia, trabalho e violência encontrados nas narrativas ambientadas no Rio de Janeiro, revelam através das características dos personagens, as suas reações frente a esses problemas crônicos da cidade carioca.

Os textos cariocas seguem a mesma linha narrativa encontrada nos contos paulistanos, não obedecendo a uma sequência cronológica e recorrendo frequentemente a avanços e recuos, repetições e irregularidades. Apresentam, no entanto, como característica peculiar, uma propensão ao uso de técnicas muito usadas pelo jornalismo. Aliás, uma das marcas da ficção de Fonseca é a escrita híbrida, que mescla, com maestria, o real e o

imaginário, na esteira da tendência ao experimentalismo com a mistura de gêneros. A propósito dessa escrita híbrida, explica Candido ser ela uma forma de “penetração veemente no real graças a técnicas renovadoras, devidas, quer à invenção, quer à transformação das antigas”. (CANDIDO, 2000, p. 10). Enquadram-se nessa categoria de narrativa, contos como “Feliz Ano Novo” e “Passeios Noturnos”.

A narrativa de “Passeios Noturnos” é conduzida por um personagem-narrador que, em forma de monólogo, relata as dificuldades de sua profissão que o caracteriza como um indivíduo socialmente doente cuja ascensão econômica o torna escravo do trabalho e de suas emoções. Já “Feliz Ano Novo” a violência urbana é produzida por marginais (LACERDA, 2001, p. 6). A narrativa denuncia, o tempo todo, o implacável processo de urbanização do bairro, desprovido de infraestrutura para receber tanta gente, bem como o descaso dos governos para com os moradores. O conto esmiúça toda a sordidez e miséria que cerca o “cafofo” em que vivem na periferia, concluindo que, neste meio, ninguém sai, realmente, ganhando.

Os contos aqui analisados são constituídos por uma exposição realista do fracasso social e individual, frente à realidade da urbanização moderna. Todos os contos analisados nessa tese, narram toda a situação experimentada pelos personagens conflituosos emocionalmente, sendo, depois, retrabalhado e polido para tornarem-se contos violentos, cuja morte e crueldade evidenciam a decadência dos personagens.¹ “Pingentes”, também um conto-reportagem, mistura dados factuais e inserções de técnica ficcional, caracterizando-se como narrativas que apresentam micro perfis dos moradores de periferias.

Se, por um lado, em São Paulo, a expressão subúrbio era empregada para designar a unidade da capital com as regiões que ficavam em seu entorno, no Rio de Janeiro, por outro, esta mesma expressão remetia à “divisão” da cidade em “zonas”: Norte, Sul, Oeste e Central. Com isso, subúrbio deixou de significar “os arredores da cidade” para representar os locais de moradia de classes médias desprovidas de muitos recursos financeiros, como é o caso da Zona Norte e demais localidades ligadas pelas linhas do trem, onde mora grande parte da população pobre. Oposta a este subúrbio, encontra-se a chamada “Zona Sul”, aquela área da cidade composta por bairros banhados pelo mar, onde residem as classes médias altas e a burguesia, com seu estilo de vida moderno e sofisticado.

Esta classificação preconceituosa do Rio de Janeiro em termos de Zona Sul e Zona Norte/Subúrbios resulta do processo de segregação das camadas sociais mais pobres às regiões mais distantes do centro urbano. Isso ocorreu a partir das reformas implementadas pelo prefeito Pereira Passos, ao se modernizar o centro da cidade e a região portuária, bem como o setor sul urbano, destinado à ocupação pelas camadas de maior status social (ABREU, 1987). Subúrbio designa, genericamente, tudo aquilo que não for o “centro”, a “Zona Sul” do Rio de Janeiro.

¹ Rubem Fonseca, em uma de suas entrevistas, comentou o fato de “Feliz Ano Novo” ter se originado de urna de suas reportagens para o Jornal do Brasil. Estado de São Paulo. 23 de maio de 1996. Hohlfeldt também acentua esta origem violenta do conto em questão (HOHLFELDT, 1994, p. 178).

Esta supervalorização da Zona Sul em detrimento da Zona Norte e Subúrbios tem origem, a exemplo de São Paulo, em motivações ideológicas e políticas, cujo objetivo era reservar os melhores espaços da cidade do Rio de Janeiro para desfrute das elites dominantes. Afirma Sevcenko (1983, p. 30) que, durante a bel/e époque:

Assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca, segundo padrões totalmente originais; e não havia quem se lhe pudesse opor. Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose, conforme veremos adiante: a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo profundamente identificado com a vida parisiense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, consideramos que atingimos nosso objetivo já elencado, uma vez que o cotejo da produção literária se constituiu de um olhar macro cujo foco está na compreensão da formação da metrópole no Ocidente e suas complexidades, até chegar às especificidades da metrópole em pauta: o Rio de Janeiro.

Por fim, salientamos que o esgotamento do *corpus* elencado não foi nosso propósito no presente estudo por duas razões: a impossibilidade de esgotamento analítico de uma produção literária e, principalmente, nosso foco na formação do espaço citadino, suas contradições e complexidades e os contrapontos dessa formação na cidade em que se passam as narrativas fonsequianas, ou seja, o Rio de Janeiro, capital do estado homônimo brasileiro. Podemos inferir, portanto, que o *corpus* se modifica ao longo de nossa exposição, passando a ser composto por essa metrópole e transformando as narrativas de Rubem Fonseca em palcos em que os contrastes citadinos em pauta se desenvolvem.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira**. 7. ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

FONSECA, R. **Feliz ano novo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LACERDA, R. De princesinha a cadela desdentada. In: ANTÔNIO, J. **Ô Copacabana!** São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

MARTINS, J. S. **A aparição do demônio na fábrica**: Origens sociais do eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: 34, 2008.

MUMFORD, L. **A cidade na História**: Suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

WILLIAMS, R. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.